



EDITORIAL

Reflexão? Filosofia? Ainda precisamos disso?
Reflection? Philosophy? Do we still need this?
¿Reflexión? ¿Filosofía? ¿ Todavía necesitamos esto?

Flávia Regina Souza Ramos¹

Pesquisadores, editores e leitores, embora com posições e papéis momentaneamente diferentes, têm muito em comum. Primeiro porque todos são leitores ou consumidores dos produtos derivados desta busca por mais e melhores conhecimentos. Segundo, porque editores não deixarão de ser também pesquisadores. E, finalmente, porque sabemos que a maioria dos leitores de um periódico científico são pesquisadores ou estão se preparando para tal; se é que possamos pensar que esta formação tenha algum ponto final. Além disso, todos estes protagonistas compartilham interesses em torno de um campo de conhecimento ou profissão. Infelizmente, muitas vezes este ponto de encontro e articulação acaba ali, bem ali, no sumário daquele volume de um periódico.

Não quero passar uma imagem saudosista, de quando recebíamos em casa um novo exemplar (porque éramos assinantes), ou íamos à biblioteca, folhear um a um os novos volumes; saber o que a área estava pesquisando, comemorar por um estudo interessante, acompanhar com curiosidade temas polêmicos ou novas tendências em pesquisa. Sei muito bem que este tempo não voltará e sou entusiasta dos recursos de que hoje dispomos. Com muito mais facilidade e agilidade podemos reunir estudos relevantes sobre um objeto, atualizar acervos ou remontar o “estado da arte” sobre um foco. Aliás, a rapidez deste processo de atualização é tal, que creio que podemos falar mais em “flashes” ou instantâneos do que em “estado” da arte.

O ponto de encontro entre pesquisadores, editores e leitores se deslocou, da revista nas bibliotecas e ambientes acadêmicos, para as bases de dados e bibliotecas virtuais. Neste espaço prevalece a busca por um tema, o leitor em contato direto com autores/pesquisadores; só no resultado da busca surgem os periódicos e seus editores, quando não ficam “invisibilizados”, fora dos rankings de citação. A relação entre estes protagonistas é mediada pelos descritores e cada vez mais dependente dos procedimentos bem treinados do “buscador”. Claro que ainda haverá a qualidade do artigo e do periódico, mas esta, por si só, não garante o acesso e a citação. E a citação, pelo menos aquela medida em scores, dependerá de muitas outras coisas, além da qualidade do produto.

Assim, há temas e tipos de investigação mais “circuláveis” em contextos externos, com mais facilidades de divulgação, mais veículos receptivos e, portanto, que poderão ser mais lidas, citadas e “pontuadas”. É claro que não entraremos aqui nas fragilidades de um modelo que fica vulnerável à práticas como a “slice science” ou o “clube da citação”, a que já estão alertas comunidades científicas e órgãos de fomento e avaliação. No primeiro caso, de estudos “fatiados” em mais artigos do que seria justificável, é um desrespeito e um abuso contra o leitor e as revistas, e até mesmo contra outros pesquisadores, que vêm desperdiçado o disputado espaço de uma publicação. No segundo caso, o que poderia ser uma resposta estratégica aos critérios de avaliação que estimulam a busca por scores de citação, torna-se uma saída pouco honrosa, de burlar o próprio modelo de avaliação, por mais que este seja merecedor de críticas.

¹Doutora em Filosofia em Enfermagem (UFSC), pós-doutorado em Educação (Universidade de Lisboa), professora do Programa de Pós-graduação em Enfermagem (UFSC). Pesquisadora do grupo de pesquisa PRAXIS - trabalho, cidadania, saúde e Enfermagem. Membro do CA-Enfermagem no CNPq. E-mail:flavia.ramos@ufsc.br



Creio que “as dores e delícias” da tarefa de pesquisar e publicar dizem respeito a todos nós e ainda serão objeto de muitas polêmicas. Ainda estamos a meio caminho e já sabemos que há muitos pontos de vista e posições interessantes. O que gostaria de trazer, aí sim com um certo tom saudosista, é de uma sensação de falta ou perda ainda não consolada, não compensada pelas centenas de artigos acessados na íntegra e facilmente disponibilizados ao consumo.

Falo de um tipo de artigo que mais parece uma raridade ou obra de arte, do tipo que mais ninguém se atreve a escrever, porque já recebeu, de antemão, a condenação de “impublicável”. Onde estão aquelas boas e memoráveis “reflexões”? Quando aprendemos que valorizar os produtos científicos é sinônimo de desprezar aquela faculdade fantástica de refletir, emitir opinião, questionar? A capacidade de discernir, julgar, apontar dúvidas nunca está ausente em todas as etapas da pesquisa, mas precisa ser muito parcimoniosamente apresentada em seus resultados; aliás, em tópico específico, na discussão, e apenas se bem amparada em estudos confiáveis.

Claro que falo de desafios que são próprios a algumas áreas do conhecimento, como a Enfermagem, não a todas. No nosso caso, apesar do esforço de consistência e clareza por parte de autores, alguns tópicos dos artigos (como referencial teórico) não conseguirão suprir esta ausência no “espremido” espaço de uma página. Entendo os requisitos avaliativos que pesam sobre os periódicos e a dura empreitada contra a irrelevância, o risco e o “pecado” de grande parte das reflexões e relatos de experiência. Mas não deixo de pensar em quantos bons artigos estamos perdendo, porque não são produtos da ciência, mas da inteligência.

Durante muitos anos defendemos a filosofia “da”, “na” ou “para” a enfermagem. Não era apenas para apreender, incorporar ou elaborar referenciais para o cuidado e as relações que este cuidado envolve, mas para o exercício da crítica de nossas referências e formas de pensamento. Será que isto não é mais necessário? Talvez, lamentavelmente, tenhamos reduzido a tarefa filosófica a uma visão estreita da teoria, sobre o que poucos se interessam, até porque “teorias” (como no caso das teorias de enfermagem) podem até subsidiar novas práticas, mas estas também dificilmente serão publicadas.

O que gostaria de resgatar é a tarefa crítica da filosofia, conforme propõe um filósofo da primeira metade do século passado - Wittgenstein.¹ Esta tarefa não é a de construir teorias, mas é a de uma atividade clarificatória; aquela exigência tão fundamental de elucidar as proposições conceitos e regras que definem nossa forma de ser, agir, conhecer e julgar. O autor chama de crítica da linguagem esta análise dos “limites do dizível”, considerada a diferença entre o dizer (o que pode ser dito - as verdades e fatos) e o mostrar (o que só pode ser manifesto - os valores). Aqui o filósofo demarca a distinção entre ciência e ética, que se não adequadamente tomada, alimenta uma pretensa desvalorização da reflexão que não se propõe a dizer o “que pode ser dito” - o dizer da ciência.

Mas do que nunca, - se vivemos um tempo de extremo poder da ciência sobre as formas de vida, no qual o que pode ser dito é determinado pelo quão “científico” é este conteúdo, ou na forma como foi produzido dentro das regras da ciência - precisamos assumir esta tarefa clarificatória, pois e verdadeira crítica deve recair, exatamente, sobre o que mais valorizamos.

Por isso o título deste editorial, na forma interrogativa. Para que ele possa ser um apelo à reflexão e à crítica que tanto necessitamos em tempos de tantas “verdades”. Que possamos reabrir espaços para este tipo de produtos da inteligência e do compromisso com uma Enfermagem melhor... mesmo que a curiosidade, a motivação e a inspiração que este tipo de produto venha a causar não possa ser avaliado em medidas, parâmetros e scores.

Referência

Wittgenstein L. Tractatus Logico-philosophicus. São Paulo: Edusp; 2001.